

PROJETO DE LEI N.º

DE 2003

(DO SR. DAVI ALCOLUMBRE)

Inscribe o nome de Sérgio Vieira de

Mello no Livro "Heróis da Pátria".

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Será inscrito no Livro Heróis da Pátria, que se encontra no Panteão da Liberdade e da Democracia, em Brasília, o nome de **SÉRGIO VIEIRA DE MELLO**.

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

Sérgio Vieira de Mello, brasileiro, diplomata, 55 anos de idade. Seu trabalho começou na ONU em 1969, no Alto Comissariado para Refugiados.

Em 34 anos de carreira na organização, ele, entre outras missões, acompanhou a volta de refugiados ao Camboja, serviu no Líbano conflagrado, coordenou a ajuda humanitária a Ruanda e liderou a missão especial das Nações Unidas em Kosovo, na antiga Iugoslávia. Sérgio era um dos melhores quadros da ONU.

Por sua atuação articulada e habilidades diplomáticas, em quase todas as missões superou as limitações da organização. Controlada desde sua fundação pelos países ganhadores da II Guerra, que têm poder de veto sobre suas decisões, a ONU possui instrumentos muito efetivos nas missões de abrigar refugiados, distribuir alimentos e remédios e promover a educação.

Na única oportunidade em que teve uma tarefa de reconstrução sem conflitos de interesses paralisantes entre as grandes potências, a ONU foi perfeita – justamente pelas mãos de Vieira de Mello.

Nomeado representante das Nações Unidas em Timor Leste, em 1999, com plenos poderes e amplos recursos financeiros, ele arregaçou as mangas das camisas bem cortadas, convocou os líderes locais, dobrou a intolerância da Indonésia e em trinta meses reorganizou do zero um país destroçado pela guerra. "Sérgio era um negociador incansável, com habilidade rara de ouvir e persuadir", afirma a diplomata licenciada Luciana Mancini, que trabalhou a seu lado por dois anos em Timor.

Encerrada a missão, em julho de 2002 foi nomeado chefe do Alto Comissariado de Direitos Humanos, com sede em Genebra – sob protesto de organizações não-governamentais, que o tachavam de diplomático e conciliador demais para o cargo.

Ultimamente, viajava para Jordânia, Irã, Síria e outros vizinhos do Iraque em busca de apoio à transição. Apesar das dificuldades e do toque de recolher em Bagdá, tinha conseguido estabelecer uma rotina.

Vieira de Mello definia-se como "homem de campo", mas antes de tudo era um negociador dos mais habilidosos. "Nós, americanos, estamos acostumados ao uso da força. Não era a forma como Sérgio operava. Tinha a capacidade de ouvir as pessoas e convencê-las a tomar uma decisão que achava necessária", afirma Peter Galbraith, que foi o braço direito do brasileiro em Timor Leste. Esportista, elegante, culto e poliglota, o carioca Sérgio, formado em filosofia e doutor em ciências sociais pela Sorbonne, pretendia seguir os passos do pai, Arnaldo Vieira de Mello, diplomata de carreira.

Em 1969, quando se preparava para entrar no Itamaraty, seu pai foi aposentado compulsoriamente pelo regime militar. Arnaldo morreu quatro anos mais tarde de enfarto, enquanto dormia. Em diversas entrevistas, Vieira de Mello demonstrou sua mágoa. "Não poderia entrar para um ministério, o Itamaraty, que recentemente havia vitimado meu pai", disse a VEJA, no ano passado. Decidiu ir para a ONU. Em prol da carreira, passou a vida entre aeroportos, reuniões de cúpula e tiros de fuzil, com poucas oportunidades de convivência familiar. Teve dois filhos, Laurent e Adrien, de 25 e 22 anos.

A pedido do secretário-geral, Kofi Annan, da ONU, Vieira de Mello deixou Genebra, foi representar a organização em Bagdá.

Nome de destaque na lista de possíveis futuros secretários-gerais, Vieira de Mello incorporou como poucos o papel que a ONU deveria desempenhar num mundo cuja complexidade torna cada vez mais essencial a cooperação internacional, e trabalhava duro nesse sentido em Bagdá. "Não é fácil conseguir equilíbrio entre a preponderância da coalizão liderada pelos Estados Unidos aqui e um papel emergente da ONU. Mas acho que gradualmente chegaremos lá", disse em entrevista ao jornal americano Wall Street Journal, semanas antes do atentado.

Para o Brasil desejoso de assumir um papel mais influente no cenário mundial, e chocado com a morte de um herói que nem sabia existir, fica a lição: apresentar-se como líder, ter e defender posições no cenário mundial acarreta riscos, e riscos, muitas vezes, resultam em tragédias.

Foi exatamente assim que o mais dinâmico, envolvente e bem-intencionado dos altos funcionários da ONU morreu, soterrado num ataque estúpido e sem sentido, que emaranhou ainda mais o nó que ele trabalhava para desatar.

Assim, caros colegas, com base em tantos talentos, tanta luta e tanto dedicação às causas mais nobres, solicito votos dos nobres pares para esta homenagem. Justa, mas não tardia, pois certamente a figura e os atos de Sérgio Vieira de Mello deverão figurar entre nossos jovens e nossos ideais, de paz, harmonia e tolerância entre todos os povos, sobretudo quando se desejar democracia, paz e harmonia entre os povos e as nações.

Sala das Sessões, 26 de agosto de 2003.

Davi Alcolumbre

DEPUTADO FEDERAL
PDT/AP